

“O MUNDO SERIA OUTRO SEM MÃES”: TENSÕES NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

Patrícia Martins Cozer¹
Regina Coeli Machado e Silva²

Resumo: A partir do conto intitulado “Mãe, o cacete”, de autoria de Ivana Arruda Leite, pretende-se aprofundar o estudo de uma tensão muito peculiar à experiência das mulheres na sociedade contemporânea e na sociedade brasileira. A idéia principal que aparece durante a leitura do conto é a comparação entre o que seria o ideal de mãe e o que realmente ocorre nessa relação, na visão da personagem. O conto, ao abordar um tema considerado tabu, expõe e nos permite pensar, principalmente, a situação de mulheres que são mães na atualidade. O artigo está organizado pelo desenvolvimento de temas correlacionados em seções, de modo a evidenciar a relação literatura e sociedade.

Palavras-chave: literatura e sociedade, Ivana Arruda Leite, maternidade e mulher

Abstract: Based on the short story named “Mãe, o cacete”, authored by Ivana Arruda Leite, we intend to study about a tension peculiar to the experience of women in society and in Brazilian society. The main idea that appears during the reading of the story is the comparison between what would be the ideal mother and what really happens in that relationship, from the point of view of the character. The short story is considered polemic, and exposes us to think, especially about the situation of women who are mothers today. The article is organized by the development of related topics into sections, in order to highlight the relationship literature and society.

Keywords: literature and society, Ivana Arruda Leite, maternity and women

¹ Acadêmica de Letras, (PIBIC/UNIOESTE/ Foz do Iguaçu)
Email:holedelic@hotmail.com

² Professora da Unioeste Campus de Foz do Iguaçu, Doutora em Atropologia Social pela UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional). Email:coeli.machado@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Através do conto intitulado “Mãe, o cacete”, de autoria de Ivana Arruda Leite, pretende-se aprofundar o estudo de uma tensão muito peculiar à experiência das mulheres na sociedade contemporânea e na sociedade brasileira.

Essa tensão está ligada por um lado à crescente autonomização da mulher em todos os domínios sociais, tanto no trabalho quanto na política, e por outro, ao inescapável vínculo afetivo e familiar estabelecido pela filiação. Isto é, mesmo autônomas, as mulheres passam por um processo de socialização que se inicia no universo da família. Isso faz com que existam relações de dependência e de complementaridade com mulheres que são mães.

Um dos efeitos dessa tensão é um conflito que se dá pelo descompasso entre a autonomia e a exigência de cuidados e de proteção maternos, como aparece no conto. A narradora se ressentida da falta de atenção da mãe, vista como um abandono imperdoável. Com base em teorias de Badinter (1985) e Ariès (2006), será realizado um estudo acerca dessa noção de abandono, considerando-a seus significados em diferentes momentos históricos. Isso inclui ainda um panorama do desenvolvimento do papel de “mãe” na sociedade e da história da família – fundamental para localizar a mulher na sociedade e mostrar como suas atitudes mudaram várias vezes ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito aos cuidados maternos e do lar.

Contudo, o processo de autonomização da mulher, a relação mãe e filha e o universo familiar são temas de interesse evidenciados nas questões trazidas pelo conto estudado. Deste modo, para melhor compreensão e interpretação, será analisada a relação literatura e sociedade, vista, num primeiro momento, como indissociável para os estudos literários, sob uma nova perspectiva apontada por Candido (2000) e Facina (2004).

LITERATURA E SOCIEDADE

A leitura de “Literatura e sociedade”, artigo escrito por Antonio Candido (2000) nos remete, indubitavelmente, à reflexão. Assim sendo, logo vemos a crítica geral do autor aos estudos minuciosos em que se analisa uma obra de arte a partir de

aspectos sociais.

Como argumento principal, Antonio Candido diz que enxergar a realidade social como única forma de compreender uma obra é insuficiente e, não obstante, é o que mais encontramos no campo literatura e sociedade. Ele acredita que é preciso se desvencilhar desta noção analítica tradicional, para alcançar o cerne da obra analisada, contextualizando os elementos de forma realmente efetiva, sem qualquer apropriação do senso comum.

Duas vertentes culminaram, separadamente, na questão analítica literatura e sociedade. Conforme nos conta, no século passado, a valorização de uma obra dependia exclusivamente do grau de identificação com a realidade. Ou seja, a essência da obra firmava-se caso esta exprimisse alguma relação com a época em que fora escrita. Depois, esta concepção sofreu modificações, de modo que o condicionamento social passou a ser visto de forma “inoperante como elemento de compreensão” (CANDIDO, 2000, pg. 5).

Atualmente, não é possível falar em integridade de determinada obra considerando apenas uma das duas visões expostas.

Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CANDIDO, 2000: 6).

Nesse processo interpretativista, também incluímos considerar o elemento social como fator da própria construção da arte. Antonio Candido acentua a necessidade de atentar para o que se quer dizer quando fazemos uso do ponto de vista sociológico para explicar um estudo literário. Para provar quão inadequado pode vir a ser isso, formula uma divisão das modalidades mais comuns de estudo.

Primeiramente, ele aponta para o método tradicional, de uma longa de lista envolvendo seis tipos diferentes e pouco eficazes de análise. O método tradicional, basicamente, sustenta-se no ato de relacionar o conjunto de uma literatura e o período em que vigorou com as condições sociais. O resultado, segundo ele, é extremamente desapontador:

Decepcionante, uma composição paralela, em que o estudioso enumera os fatores, analisa as condições políticas, econômicas, e em seguida fala das obras segundo as suas intuições ou os seus preconceitos herdados, incapaz de vincular as duas ordens de realidade. Estudos deste tipo ficam ainda mais decepcionantes quando o estudioso, deixando a tarefa de correlacionar à sociedade o conjunto de uma literatura, ou um gênero, transporta o referido paralelismo à interpretação de obras e escritores isolados, que servem de mero pretexto para apontar aspectos e problemas sociais. (CANDIDO, 2000: 11)

Um segundo método constitui até que ponto uma obra é considerada o retrato ou espelho da sociedade. É o tipo analítico mais usual. Situado no campo mais sociológico está o terceiro tipo, que busca explicitar a relação obra e público, seguido do quarto método, que estuda a posição e a função social do autor. O quinto tipo é marcado pela ação de verificar, constatar a política existente na obra, não raro ideológica. Finalmente, a “investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, seja de determinados gêneros” (CANDIDO, 2000: 12) delimita o sexto e último tipo.

Para transpor essas modalidades, elevando-as a um campo mais intenso e interpretativo, Antonio Candido sugere que se tenha “consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade” (CANDIDO, 2000: 13). Isto, segundo ele, é um passo óbvio, porém importante para a supressão da simplicidade perante o estudo de uma obra literária.

Questão que merece ainda mais destaque é a da relação que se estabelece entre a literatura e a vida social. Nessa problemática, sobressaem três fatores essenciais, formadores da estrutura social. São eles: posição do artista, configuração da obra e o público. Classificam-se como essenciais porque possibilitam e fundamentam a comunicação artística.

A posição do artista geralmente está intrinsecamente ligada a sua posição social. Resumidamente, Antonio Candido nos coloca a par da noção de que não é possível tratar de uma obra literária sem pensar nas condições sociais que possam, ainda que indiretamente, ter influenciado seu autor.

Portanto, a posição do artista está ligada aos acontecimentos e classificações sociais que lhes são dadas. Antigamente, a criação artística voltava-se para algo executado em con-

junto, pelo povo, coletivamente. Hoje, essa visão não nos é cabível, visto que a arte pressupõe apenas um indivíduo que assuma a iniciativa da obra.

Contraponto interessante é o de Adriana Facina (2004), que apresenta, sob seu ponto de vista, uma distinção muito clara dos dois tipos classificatórios de artista: o engajado e o defensor da “arte pela arte”. Entregando-se à idéia de que a obra é espécie de objeto para mudar o mundo real, o primeiro situa-se junto àqueles que defendem que a arte tem de ter uma finalidade. Já o segundo assume-se como apreciador de uma estrutura formal, que desconsidera o aspecto social ou a sociedade em si, acrescentando novo sentido à sua criação. Para Candido, o artista pode ter em mente a realização de seu trabalho, baseando-se em três funções principais da literatura, classificadas como total, social e ideológica. De acordo com o autor, essas funções mantêm a integridade estética.

Na função total, o artista utiliza determinado simbolismo, querendo, com isso, alertar, chamar a atenção para algo. Candido diz que a vontade de “transmitir a visão do mundo, por meio de meios expressivos adequados” é derivada desse tipo de função. Como exemplo, ele nos cita a obra “Odisséia”, de Homero, como representação da humanidade que ela possui, e afirma que “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer” (CANDIDO, 2000: 41).

A função social consiste no significado, no que a obra quer dizer, em que foi baseada. Consiste nas mudanças ocorridas numa dada sociedade, nas necessidades, e de que forma a obra desempenha sua importância quando inserida em relações sociais. Volta a citar a “Odisséia”:

Assim, os episódios da “Odisséia”, cantados nas festas gregas, reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura. (CANDIDO, 2000: 41)

A terceira e última função, denominada ideológica, apresenta-se na forma de um “lado voluntário da criação e da re-

cepção da obra”, ou seja, há por um lado uma vontade por parte do artista, que cria sua obra de arte com uma intenção, desejando atingir uma camada, e há, por outro, o leitor, que gostaria de ver que o artista teve algo a dizer ou “retratar”. Isso, na opinião de Candido é fundamental, pois essa troca fortalece o estabelecimento de “certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra” (CANDIDO, 2000: 41). Através destas três funções apresentadas é que podemos atingir a compreensão de uma obra de arte de forma efetivamente equilibrada.

MÃE E MULHER NA HISTÓRIA DA FAMÍLIA

É importante traçar a história da formação familiar, numa retrospectiva, para que se possa entender como são construídos os papéis sociais de pai, mãe e filho/filha, designados justamente segundo a cultura de cada época. O historiador Philippe Ariès (1981), por exemplo, nos mostra que a idéia atual do que é família, fortemente vinculada à afetividade e ao amor, demorou a surgir. Mesmo que pareça, à primeira vista, essa ligação entre amor e família não é natural. O mesmo pressuposto adota Elisabeth Badinter, em seu livro *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno* (1985), embora seu enfoque seja essencialmente na figura feminina e idealizada da “mãe”.

Vários foram os fatores que influenciaram e, principalmente, contribuíram para que o tema “família” ganhasse visibilidade e adquirisse o “status” que têm atualmente. Ariès aponta ainda que, no campo da sensibilidade, a família só teve espaço depois do século XVII. A partir de um estudo iconográfico intenso, Ariès apresenta toda a trajetória percorrida pelos membros de uma família, e o papel designado a cada um deles. Nos escritos do autor, observamos que as crianças viviam em completo anonimato perante sua própria família – fato normalíssimo nas sociedades medievais. Após o nascimento de uma criança, esta era entregue a uma ama-de-leite, que lhe dispensava cuidados até os seis anos de idade, para depois devolvê-la aos pais biológicos.

Badinter (1985) chama a atenção para a questão da sobrevivência das crianças quando deixadas aos cuidados das amas. A grande maioria morria por falta de higiene e alimentação, o que comprovava como a prática era extremamente di-

fundida – para cada ama, quase dez crianças. Como ter leite para todas?

Em seu trabalho, Badinter ressalta o que disseram grandes nomes da época – século XVIII – a respeito da infância, começando pelo meio religioso. A leitura dos sermões de Santo Agostinho contribuíram para aflorar o desinteresse dos pais por seus filhos, desinteresse advindo da sociedade que nunca se importara de veras com crianças, como fica claro no seguinte trecho: “Durante longos séculos, a teologia cristã, na pessoa de Santo Agostinho, elaborou uma imagem dramática da infância. Logo que nasce, a criança é símbolo da força do mal, um ser imperfeito esmagado pelo peso do pecado original” (BADINTER, 1985: 55). A dureza com que o assunto da infância era tratado deu margem a uma “atmosfera de dureza na família e nas escolas”, e ganhou ainda mais força com Descartes:

Segundo Descartes, a infância é antes de mais nada fraqueza de espírito, período da vida em que a faculdade de conhecer, o entendimento, está sob a total dependência do corpo. Desprovida de discernimento e de crítica, a alma infantil se deixa guiar pelas sensações de prazer e de dor: está condenada ao erro perpétuo (BADINTER, 1985: 62).

Philippe Ariès é ainda mais enfático no que diz respeito às crianças:

As crianças eram entendidas como seres sem alma. Seus pais não estabeleciam vínculos com elas, e o infanticídio era algo extremamente comum. Conseqüentemente, a morte dos filhos era encarada muito naturalmente, sem qualquer desespero, pois uma criança era facilmente substituída. Essa negligência e abandono eram de aceitação comum na sociedade. A partir de sua devolução pelas amas às famílias, eram consideradas adultas em miniaturas. Vestiam-se como adultos, e eram inseridas no mundo deles, sem restrições. Nessas sociedades não existia nenhum sentimento de infância. (ARIÈS, 1981: 132)

A mudança no lar e para com as crianças começaria a partir do século XV. Uma mudança lenta e gradual, mas decisiva, pois, aflorado um novo sentimento, novas visões apontariam. Um fato extremamente importante, que marcou o início dessa descoberta e valorização da infância, foi a extensão da frequência escolar. A família passou a se posicionar com mais rigor, a preocupar-se com a educação de seus filhos, o que

denotava uma “aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança” (ARIËS, 1981: 232).

No que diz respeito a figura do pai, considerada importante complemento para a formação de uma família equilibrada, alguns pontos devem ser revistos, principalmente no contexto atual. Para Badinter (1985), a importância da função do pai foi aos poucos perdendo espaço. É a mulher quem passou a coordenar a casa, a tratar dos assuntos com mais expressão e intensidade, e isso gerou insegurança nos homens, a ponto de, assim que perceberam estar mudando de primeiro para segundo plano no posto familiar, aumentaram sua agressividade e rebaixaram a própria esposa, como modo de sentirem alguma recompensa. Já não lhe cabiam mais decisões relacionadas nem aos filhos. O homem voltou-se totalmente para o trabalho. Ela afirma que o homem foi despojado de sua paternidade.

Reconhecendo-lhe tão somente uma função econômica, distanciaram-no progressivamente, no sentido literal e figurado, de seu filho. Fisicamente ausente durante todo o dia, cansado à noite, o pai não tinha mais grandes oportunidades de se relacionar com o filho (BADINTER, 1985: 317).

É evidente que o homem vem sendo despojado da sua paternidade, pois agora é a mulher que tem o poder sobre a fecundidade. Devido aos anticoncepcionais e à fecundação artificial, a mulher situou-se no centro absoluto da procriação. Passou de dominada neste campo a dominadora absoluta. É ela quem decide ter ou não o filho e é ela quem manobra a relação entre pais e filhos. É notório que esse equilíbrio se tornou particularmente difícil ao longo da história. A figura paterna é absolutamente necessária para configuração da personalidade. A questão não está em saber qual dos dois progenitores é o mais importante, mas em que ambos são igualmente necessários para o cuidado e para o desenvolvimento dos filhos. No caso do conto a ser estudado, o pai é um personagem que não passa do plano imaginário ou desejoso da filha, basicamente por não existir.

“MÃE, O CACETE”

Retirado do livro *25 mulheres que estão fazendo a nova*

literatura brasileira, organizado por Luiz Ruffato, o conto “Mãe, o cacete”, escrito por Ivana Arruda Leite, é um assombro, quase um desrespeito a quem não conhece seu estilo de escrever ou acredita numa linguagem “purista” proveniente de mulheres. Mais conhecida no meio literário que as demais autoras do livro, Ivana Arruda Leite é considerada dona de uma escrita ácida, a começar pela escolha dos temas: geralmente estes seguem a linha do que é proibido ou ainda visto como tabu.

Permeado por uma linguagem extremamente debochada, a narradora, convincente do que diz, inicia o conto com as seguintes afirmações:

Mãe é uma cruz na minha vida. Nunca gostei da minha e duvido que as pessoas gostem tanto da sua quanto dizem. (...) Mãe é sinônimo de atraso, degradação. Mãe deforma a cabeça da gente. O mundo seria outro sem mães. (LEITE, 2005: 213).

A posição da narradora quanto a questão de “ser mãe” é clara, e logo mais é possível compreender a razão e a vontade da mesma de ter uma “mãe de quadrinho”, que seria, segundo ela, ideal: “... dessas que trocam os filhos com cuidado, dão beijo na testa e fazem o nenê nanar, contam histórias, seguram na mão pra atravessar a rua” (LEITE, 2005, p. 213). A descrição de sua infância, mesmo breve, nos remete de modo geral a uma postura displicente e descompromissada da mãe:

Tinha mil coisas para fazer antes de me socorrer. Tive que aprender tudo sozinha: que tomada dá choque, que osso de frango engasga, que mulher menstrua, que homem velho gosta de abusar de criança. (...) Me esquecia na cama com termômetro no braço. Eu que adivinhasse a febre, quando ainda nem sabia ler. Nunca foi a minha escola, dizia que não tinha tempo a perder. Pouco se lhe dava saber onde eu estava. (LEITE, 2005: 214)

A expressão do significado de mãe no conto é o inverso do que apontaram estudiosas como Simone de Beauvoir (1980), que defendia a idéia de que havia uma imposição para tornar-se mulher. Ou seja: a mulher sujeitou-se ao homem e acatou as funções que lhes foram desempenhadas, dentre as quais, a de ser mãe. Para Badinter (1985), o famoso amor de mãe, que ganhou visibilidade e foi classificado como algo completamente natural, que ocorre com toda mulher ao dar a luz, precisa ser repensado. Para tanto, ela questiona em seu livro:

Que vem a ser um instinto que se manifesta em certas mulheres e não

em outras? Em vez de instinto, não seria melhor falar de uma fabulosa pressão social para que a mulher só possa se realizar na maternidade? (BADINTER, 1985: 355)

Isso nos remete também as observações feitas por Anália Torres acerca da individualização no casamento e no amor, que classifica as mulheres como mais responsáveis pelo “trabalho” do amor do que os homens na medida em que estariam especialmente vocacionadas para as emoções, a domesticidade, as relações familiares. “Assim, se as coisas correm mal, também se pode atribuir a elas a responsabilidade por não terem tido a “arte” de saber guardar seu pai”. (TORRES, 2000: 154)

No conto em questão, percebemos que a aflição e os conflitos desenvolveram-se sempre em torno da relação mãe e filha, que nunca foi considerada saudável – não atingiu o ideal segundo a visão da narradora. A figura paterna surgiu apenas no fim do conto, que termina com uma pergunta sem resposta: “Depois perguntou: - E pai... o que é um pai pra você?” (LEITE, 2005: 216).

Mesmo implicitamente, a idéia sacralizada de mãe como aquela que cuida permeia o cotidiano do universo feminino e a própria narradora ressalta essa idéia em sua relação com o personagem Rui: “Sou a mulher que dorme com ele, que faz a comida dele, que cuida da roupa dele, da casa dele” (LEITE, 2005: 216). Diante dessa fala, ela ouve um comentário pouco agradável: “Praticamente uma mãe”. Entre um misto de ironia e raiva, fica claro vários significados incorporados na idéia da maternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no conto “Mãe, o cacete” de Ivana Arruda Leite, observou-se um determinado tipo de relação entre mãe e filha seguindo os conceitos de individualização, complementaridade e idealização. Mais do que isso, a escrita ferrenha, junto a um linguajar debochado do conto, refletiu uma nova postura referente à escrita de autoria feminina.

A idéia principal que aparece durante a leitura do conto é a comparação entre o que seria o ideal de mãe (na visão da personagem) e o que realmente ocorre; isso nos permite pensar principalmente como agem as mulheres que são mães na atualidade.

É fato que a exigência de cuidados maternos está em conflito com a crescente autonomização da mulher, acarretando essa relação de dependência. Procuramos, portanto, focalizar o modo como a narradora representa a relação entre mãe-filho, considerando a expectativa de um carinho incondicional, cada vez mais difícil de ser encontrado em função das transformações sociais e culturais que vem sustentando o processo de autonomia, de liberdade e de escolha femininas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2006.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Nova Fronteira, 1949.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Publifolha, 2000.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

RUFFATO, Luiz. **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Record, 2005.

TORRES, Anália. *A individualização no feminino, o casamento e o amor*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 135-155.

Enviado em: 02/03/2010 - Aceito em: 20/05/2010